



A ESTOCADA

Editor e Proprietario Director Administrador
 José Barata Ribeiro Antonio Giacomo Nizza da Silva Henrique Barreto
 Redacção e Administração (Provisoria): Rua da Palma, 228 — Telefone 2 7880

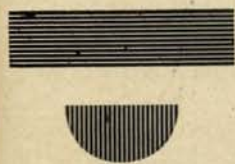
Composto e impresso na TIPOGRAFIA FREITAS BRITO, Ltd.ª, Rua do Ferregial, 12 a 20
 Telefone 2 7620 — Lisboa

A Estocada

CONDENA
A Festa Mansa
TOURADAS
 Touros Corridos
 Touros Embolados
 Sortes de Gaiola
 Pegas

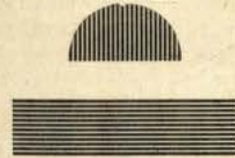


José Gomez

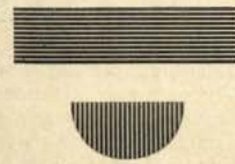


A Estocada

DEFENDE
A Festa Brava
CORRIDAS
 Touros Puros
 Touros em Pontas
 Sorte de Varas
TOUROS DE MORTE



"GALLITO"



Arte, domínio e técnica

por José Cunha da Silveira

A forma clássica do toureio caracteriza-se especialmente pela técnica; a forma moderna distingue-se pelo cunho acentuadamente artístico.

Portanto, sob o ponto de vista estético não resta dúvida que o toureio contemporâneo é incomparavelmente superior ao antigo. Mas embora as regras e preceitos fundamentais da arte de tourear sejam hoje mais ou menos as mesmas — alguma coisa se tem evoluído — e sob o ponto de vista puramente técnico seria a forma antiga mais perfeita que a forma actual de tourear? Dizem os críticos e os aficionados da velha guarda que outrora se toureava melhor. Eu continuo a afirmar que hoje se toureia duma maneira superior, qualquer que seja o aspecto porque se encare esta questão.

Para imprimir um grande relevo artístico, uma grande virtuosidade às faenas, o toureiro perde, de facto, um pouco em técnica e domínio. Mas a lide de um touro, do touro que permita a composição da figura — o touro moderno — de modo a tornar o conjunto belo e agradável à vista, deve dividir-se sempre em duas partes: a artística — a do silêncio — e a do domínio — a da vibração. Uma para recrear, outra para vencer.

O engano, o erro grave da maioria dos toureiros — e do público que exige — é procurarem lidar todos os touros cuidando mais do lado artístico das faenas — como é moda — do que da técnica e do domínio. O erro é ainda querer tourear desde o começo até ao fim os touros com uma linha estatutária impecável.

Há ainda outra distinção a fazer ou outra confusão a desfazer, para apreciar uma faena e a qualidade dum toureiro: há passes ou lances em que o matador pode imprimir beleza e encanto visual sem prejuízo da técnica e principalmente do domínio — como o passe natural e certas verónicas.

Outros, simplesmente de efeito, só demonstram valor e perfeição artística da atitude, mas sem eficácia de mandar — como o passe da morte, dado com os pés juntos e que não permite carregar a sorte.

Pode servir para exemplificar estas considerações a forma de interpretar o toureio de dois matadores modernos, do mais fino quilate que a tauromaquia tem produzido: Ortega, a personificação do valor da técnica e do domínio. La Serna, a expressão máxima da Arte e da Estética taurina. Mas um e outro em graus diferentes, revestem de arte, técnica e domínio a sua maneira de tourear.

Se o toureio hoje em dia se deve executar com uma dose igual de técnica e de arte, deve o aficionado reagir contra certos preconceitos da escola clássica e aplaudir o que de belo e galhardo se passa na arena.

Porque não ha-de desejar o aficionado que o touro seja bravo, suave e nobre? Porque não ha-de ser o touro de preferência de carril? Não será esse o que dá uma lide mais regular, perfeita e agradável?

Porque não ha-de o toureiro, uma vez por outra, aproveitar a viagem do touro para dar um lance ou um passe cheio de belesa e elegancia? Porque se condena sistematicamente o parón?

Os críticos puristas, que só vêem no toureio técnica e domínio condemn o abuso do toureiro de capa a duas mãos sobretudo nos quites. É certo que a maior parte das vezes não é necessário: nem para tirar o touro do perigo, nem para corrigir defeitos ou resaios ou para colocar o touro em sorte. Esses mesmos críticos reprovam o abuso dos passes de muleta e dizem que o trapo vermelho só serve em geral e por excelência para *ahormar* a cabeça dos touros, corrigir os seus defeitos e prepara-los para a morte. Mas se no toureio de capa e muleta o toureiro se limitasse aos lances e passes indispensáveis voltava-se à infância da tauromaquia e havia que condenar toda a sua evolução técnica e artística e portanto a forma actual de tourear.

As regras básicas do toureio são as mesmas, mas outras se têm criado e fizeram escola. Belmoate não começou pisando terrenos que até então eram proibidos? Felix Colombo não começou fazendo do touro o que não se podia fazer? La Serna

SORTE DE VARAS

“Absolutamente imprescindível para tirar ao Touro a grande potencia e as faculdades com que entra no redondel e que tornariam impossível a sua lide e morte”

FELIX RODRIGUEZ

Felix Rodriguez, aquele precioso artista, que durante temporadas sucessivas se manteve na primeira fila dos matadores de touros, e que grave enfermidade afastou das lides da arena, já lá vai um par d'anos, pensa voltar ao toureio, logo que se encontre completamente restabelecido da ultima operação a que se vai submeter.

Condições do touro de lide

Deve proceder de boa casta, não ter defeitos, estar bem criado e encontrar-se entre os 4 e 5 anos e de modo algum deve ter sido toureado.

não começou a tourear como não se podia tourear? O toureiro de hoje, desde que seja inteligente, justo e equilibrado, não prejudica o touro nem a sorte de matar — e tem esta grande virtude de ser variado, alegre, artístico, espectacular e emocionante. E tem mais valor do que o antigo, porque sendo o touro naturalmente nobre, é a continuação da lide e o próprio castigo que principalmente o ensina a ganhar terreno e a procurar o vulto.

O toureio moderno bem compreendido e executado não está em conflito com a técnica. Ele próprio, em toda a sua realidade, belesa e emoção se defende com o maior brilhantismo e precisão.

No toureio o importante é *mandar e dominar* — mas seja tudo feito com *valor* e principalmente com *Arte* — essencia e conquista da forma moderna de tourear.

A SEGUIR:

ESTILO E ESTILISTAS

Comprar boas
móveis só em

Silvas & Antunes, L. da

Rua da Palma, 226, 228 e 230

Telefone 2 7880

Armillita e Ortega

ou a facilidade e o domínio mano-a-mano

por Inácio Saraiva

Não há em Espanha «féria» grande, que não inclua no seu «cartel» o nome d'esta acreditada firma, que marca uma data na História do Toureiro, do nosso tempo: ARMILLITA & ORTEGA!

Armillita "El Sabio"

Fermin Espinosa Armillita é um toureiro consagrado. Publico e crítica têm-lhe tecido os mais rasgados e entusiásticos encómios. Falar d'ele, e do lugar que ocupa na tauromaquia do País visinho, e na sua Terra Natal, êsse México voluptuoso e ardente, que à Festa Brava tem legado alguns dos seus melhores sustentáculos, não é tarefa fácil nem banal; tanto mais por se tratar d'um toureiro muito certo e muito igual, que não arma escandalos nem espantadas, que não ludibria o publico nem empresas, que toureia com conhecimento de causa, cingindo-se às regras e princípios fundamentais que regem a lide do Touro.

Com o capote, desde a «verónica» à «chicuelina», desde a «gaonera» ao «farol», tudo êle executa com inexcusável perfeição, com aquela mestria que fizeram d'êle um dos mais notáveis toureiros modernos, e depois do ainda hoje recordado Gaona, o matador Mexicano que em Espanha melhor se tem cotado, emparceirando com as primeiras figuras da Festa, e em especial com êsse «vaquero» de Borox, que para mim, como para muitos outros aficionados, é o caso mais sério da «toreria» actual.

Por algo toureia Armillita 60 corridas por época; por algo cobra Fermín qualquer coisa parecida com 15 mil pesetas por corrida; por algo é esse rapazote de rosto azeitonado, irmão do outro Espinosa, que em Lisboa de tanto «cartel» gozou, e que hoje colocado na sua «cuadrilla» como bandarilheiro, é um dos mais inteligentes peões que pisam os «ruedos» taurinos, sem ter perdido sequer aquelas prodigiosas faculdades de bandarilheiro finissimo, que tanto nos entusiasmou.

Armillita Chico, tal como mais vulgarmente é conhecido, é um toureiro completíssimo, dando a todas as sortes uma tão matemática precisão, que nós espectadores quando o vemos actuar, ficamos com a impressão de que a Arte do Toureiro é a coisa mais fácil deste mundo.

A «muleta» nas suas mãos é um instrumento de verdadeira magia.

Toureia ao «natural» como só êle o sabe «hacer». Bandarilha estupendamente, e mata pronto, muito embora, talvez, com mais facilidade do que perfeição.

Dir-se-hia que Armillita standardizou a própria inteligência do lidador, aquele dom de que dispõem os verdadeiros «maestros», e que os faz distinguir as diferentes características dos touros, e a lide apropriada que lhes devem ministrar, para que ela resulte brilhante e eficaz.



DOMINGO ORTEGA

O Armillita de Hoje, não é aquele «muchacho» delgado e simpático, que apenas contava 17 anos, quando pela primeira vez se apresentou em Lisboa, onde mais tarde voltou n'uma corrida de morte, alternando com o eternamente jovem Marcial Lalanda, e com o seu famoso competidor de agora: Domingo Ortega; e em que pouco mais se evidenciaria do que com as bandarilhas; mas sim um «diestro» consumado, grande em toda a acepção da palavra, e que no dia 3 vai mostrar ao publico aficionado da capital, tudo aquilo de que é capaz, e toda a quantidade de toureiro que dentro de si contém.

* * *

Ortega "Torero de maravilla"

Domingo Ortega êsse novo pontífice do toureiro, criador do célebre «muletazo» por nós denominado de «trincheirilha», e o prototipo do toureiro «macho», dominador e se-

guro, que pisa o terreno do touro, que o empapa nos vãos «del trapo rojo» d'uma maneira tão brava, que nos causa sempre um movimento de espanto. Lidador por excelência, que cultiva o toureiro sem artificios, a lide pura, só utilidade, só finalidade, que perscruta o proprio coração do inimigo, que lhe adivinha os seus mais pequeninos nadás, e que lhe receita a lide adequada, certa, cuidada, a lide seria d'um toureiro «serissimo»... Domingo Ortega, é o matador mais discutido da hora presente, o que cobra mais, o que mais toureia, e o que mais agrada e convence o aficionado que não dispensa, ao toureiro o risco da sua vida n'esse combate nobre e leal, que é travado entre o homem e o touro, num amplexo de beleza e de emoção, que vive sempre na nossa retina, e que jamais d'ela se apagará, enquanto existir esse espectáculo extraordinário e maravilhoso que se chama simplesmente: CORRIDA DE TOUROS!

Dizem que Ortega não arrisca um pêlo n'um lance à verónica, que larga a télia até onde lhe chega o braço, sempre que toureia de capa!... Está certo; mas o que ninguém poderá duvidar é que se êle quizesse, se não tivesse uma maneira muito sua, certamente discutível, mas de todo o modo respeitável, de conceber e idealizar a lide do touro na arena, seria igual aos melhores.

Nós aficionados, amantes de tudo quanto de belo e artístico se realiza «en el ruedo», que nos embriagamos com a suavidade e dolencia, com o sabôr e frescura d'uma «verónica» de mãos baixas, do enigmático La Serna, ou do «saleroso» «gitano» Joaquín Rodríguez Cagancho, não podemos perdoar ao famoso toledano, a sua apatia espiritual na primeira fase do «tercio» com que se inicia a lide n'uma corrida de verdade.

Porem tudo isso se esquece, ante a grandeza, ante a magestade, ante o desmedido valôr do seu toureiro de «muleta», em que lembra às vezes, embora em Ortega haja mais dureza, do que graça, o imortal Joselito, nas suas melhores «faenas».

Aí n'esse «tercio» difficilimo, que mais Arte e exposição encerra, é Domingo Ortega, gente grande, e por direito proprio o «toureiro de maravilla».

* * *

A nossa capa

Faz no dia 16 de Maio, dezassete anos que o touro de Bailaor matou Joselito—o colosso de Gelves. Não podemos deixar de prestar a nossa modesta homenagem a tão grande toureiro. Gallito foi um simbolo de honradez profissional, e ao lado de Belmonte alcançou enormes triunfos.

Os dois constituiram a parêlha ideal que impulsionou a «afición» e fez construir praças de touros monumentais.

COMENTARIOS

POR

Nizza da Silva

Corrida de inauguração

Já no número anterior dêste jornal tive ocasião de manifestar a minha concordância com a nova empresa tauromáquica do Campo Pequeno.

O facto da primeira corrida — impecavelmente organizada — ter resultado não me admirou porque sabia de antemão que nas corridas de touros tudo é falível. Felizmente, não há combinação possível com o protagonista do espectáculo, porque isso diminuiria o interesse do espectador.

Tudo o que se passa na arena de uma Praça de Touros é espontâneo. Até o medo é verdadeiro e as cornadas não são fingidas. Póde o público estar convencido de que não foi enganado e, que não houve combinação prévia entre os elementos que entraram na *Festa*.

A vinda dos novilheiros Sanchez Mejias e Juanito Belmonte despertou o interesse da aficção que encheu a praça. Fracassaram os niños por medo. O público, em vez de insultar pessoas que não podem ser responsáveis pela cobardia dos toureiros, deveria ter-lhes mostrado o seu desagrado. Os touros eram grandes? Pois há uma mulher em Espanha que toureia e mata touros que pesam em «canal» duzentos e quarenta quilos. Sabem como se chama essa mulher? Juanita Cruz. Se os jovens novilheiros tem medo, escolham outro officio ou então deixem-se ficar em *bezorristas*.

Para José Casimiro saíram dois novillos com poucas carnes. O público irritou se, justamente. Com tais bichos e com tamanha gritaria José Casimiro não fez nada de geito. Teve mesmo a montada colhida fortemente. Merece que a empresa o compense, dando-lhe uma corrida com touros de categoria.

D. Bernardo da Costa transigiu com as pegas e fez muito mal. O

público, só para lhe fazer pirraça ovacionou os forcados pela *colossalissima e arriscadissima* e mais *issima* péga que fizeram ao segundo vitelo de Francisco da Silva Vitorino. Até fiquei consolado. Na brega salientaram-se Carnicerito de Malaga, Gago e Plá Flores. Em bandarilhas José Rojas e com a vara sómente uma de um picador no segundo touro.

* * *

Segunda corrida de touros

João Nuncio e Pascual Márquez, dois formidáveis toureiros.

Rodolfo Velázquez um enorme bandarilheiro.

A pesar do desafio Bemfica-Sporting e da forte ventania que soprava, a praça estava cheia de público atraído pela honestidade do cartaz.

Bastante prejudicada pelo vento, a corrida teve fases emocionantes e momentos de grande entusiasmo.

Os afamados ganaderos Dr. Emilio Infante da Câmara & Irmão enviaram oito novillos de castas diferentes. Dois de casta portuguesa, dois de Alves do Rio e quatro de Campos Varela. Os melhores foram o segundo de João Nuncio e o ultimo de Procópio. Os restantes cumpriram em varas com mais ou menos codícia.

João Nuncio, o formidável toureiro português, que é também um admirável cavaleiro realizou no passado domingo na Praça de Touros do Campo Pequeno uma lição de tauromaquia a cavalo que deve por muitos anos ficar gravada na retina dos milhares de espectadores que se levantaram em apoteose delirante. Se no primeiro touro — um lindo touro — já tinha demonstrado a qualidade do seu toureio, fazendo tudo para o arrancar da querença e cravando-lhe ferros compridos e curtos em todo o alto, no segundo o seu trabalho foi estupendo, simplesmente estupendo. Não teve o mais ligeiro toque ainda que tivesse metido o *Numerário* em terrenos apertadissimos quer galopando sobre a esquerda ou sobre a direita, mudando de mão com uma facilidade espantosa. Quantas vezes a colhida parecia eminente mas um ligeiro desvio evitava a cornada.

Ver tourear João Nuncio é um prazer, quasi espiritual. Na lide *ordinária* sobressaíu Pascual Márquez o revolucionário, o toureiro que teve

o condão de ressuscitar a aficção na Andaluzia. Pascual crava os pés no chão e manda o touro com os braços, não arreda um passo a ceder terreno. O touro vai para onde ele o manda.

A sua valentia é serena, seca. A sua repetição é absolutamente necessária. Rodolfo Velázquez como bom mexicano, cravou no seu primeiro touro, três pares de bandarilhas com uma valentia e um estilo fantasticos. Ao passar de muleta sofreu uma colada perigosa e logo a seguir foi colhido junto à trincheira salvando-se por milagre. Ficou magoado ressentindo-se para o final da corrida.

Deve voltar a 17 ou 24 do corrente e então poderemos ajuizar melhor o seu valor com o capote e muleta.

Júlio Procópio, que se estreava com picadores, recebeu o seu primeiro — o maior da corrida — com umas verónicas arrimadas embora prejudicadas pelo vento. Cravou uma grande par de bandarilhas — talvez o maior da sua vida de toureiro.

Aqui terminou a sua boa vontade. Com a muleta bailou muito embora tivesse a desculpa do vento e a qualidade do touro. Mas onde Júlio Procópio não teve desculpa foi no segundo touro — ferro de Alves do Rio — que saiu ideal. Um touro como não sai muitas vezes, suave e digno de uma grande faena, Procópio bailou e não teve a serenidade suficiente para o lidar. Perdeu uma bela ocasião para dar uma grande alegria aqueles que o têm defendido e que lhe criaram o ambiente para a sua apresentação como novilheiro ao lado de Pascual Márquez e Rodolfo Velázquez.

O publico tratou-o com carinho e aplaudiu-o bastante. Na brega salientaram-se Bombita IV, Cuairan e Plás Flores. Os picadores cumpriram bem o seu trabalho e até domingo a vermos a parrelha máxima, Armillita e Ortega.

ANGELO SOARES

Veste todas as pessoas elegantes!!!

RUA DA PRATA, 156

Telefone 2 3422 — LISBOA

Visado pela comissão de censura.

Viuva Nizza, L.^{da}

ARMAZEM DE MOVEIS

E C A D E I R A S

Telefone
2 4818
LISBOA

Rua da Madalena,
165, 167 e 168

Entrevista com Pascual Márquez

por Alfredo Ovelha

La dar-se começo à reunião tauro-maquica da Sociedade das Nações, na Praça do Campo Pequeno com representantes de Portugal, Espanha e Mexico, quando deliberámos aprazar uma «charla» com o delegado do país visinho, mêmso antes de sabermos qual seria o resultado final da sua acção.

As 10 horas da noite, no amplo e luxuoso salão de espera do Hotel Flórida, situado ali na Avenida Fontes, «sacámos» do papel e caneta dispostos a registar a opinião de Pascual Márquez, êsse toureiro minúsculo no corpo, mas extraordinariamente grande na sua alma toureira.

Esse rapaz de 22 anos incompletos, que há dois anos desceu dos campos onde guardava touros, às cidades e vilas, trocando a sua blusa de «vaquero» pelo «traje» de luxo dos matadores, é actualmente um caso bastante sério na tauromaquia.

A sua calma, o desprendimento do perigo, quer antes da corrida, quer durante ela, foram detalhes que mais nos prenderam a atenção.

E, perante um cálice de licór, e um havano, gentilmente oferecidos pelo matador, disparámos-lhe a primeira pergunta:

— Pascual, onde nasceu Você?

— Em Vila Manrique, «pueblo», na Andaluzia em 21 de Outubro de 1914.

— Depois?...

— Passados os primeiros anos, como meus pais são pobres, fui para creado da ganaderia de Moreno Santamaria, onde me conservei até aos 19 anos.

— Tem na família, alguém que seja toureiro?

— Não. Fiz-me toureiro por aficcion. O constante contacto com os touros; a admiração que me causavam os toureiros que tomavam parte nas «tentas da ganaderia, levaram-me a iniciar às escondidas os primeiros «passes».

— Gostou?!

— Sim, gostava de tourear, e sentia ao mêmso tempo o desejo de sêr alguem. Via os outros serena admirados, ovacionados, brindados em banquetes, depois das «tentas», por fazerem «coisas» que eu tambem podia fazer.

Ser toureiro é só uma questão de vontade.

— E valôr! — atalhámos — Pascual sorri e nós prosseguimos.

— Quando se apresentou em público?

— Nêste momento Pascual reflecte

um pouco e procura auxilio na memória do seu fiel «mozo de estoques» Juan Corofiña, que com um carinho paternal cuida do seu maestro, e que por sua vez responde.

— Pascual, apresentou-se pela primeira vez em «Panholeta» num festival de beneficência, trajando de «côrto» em Abril de 1934.

— E os resultados?

— «Mui buenos!» Tão bons que o levaram a prosseguir.

E assim apresentou-se como novilheiro com «traje de luces» na praça de Sevilla em 26 de Maio de 1935. De então para cá os seus triunfos tem sido completos, apárte a colhida sofrida o ano passado em Madrid que o obrigou a perder 25 novilhadas.

— Nêste momento dirigimo-nos a Pascual inquirindo—E a colhida não o fez desanimar?

— Pascual sorri — ...são ossos do oficio!

Sinto-me mais valente do que nunca, os touros não me metem medo.

Posso não fazer a «faena» grande, mas nunca lhes volto a cara.

— Concordamos, porque é esta a nossa impressão. Pascual pode não ser um estilista do toureiro, mas é um «peleador». Onde êle estiver com um touro, é a sua vontade que tem de prevalecer.

— Quando pensa, você Pascual, em tomar a alternativa.

El Toro en el Campo

Gentilmente oferecido por Alamares — distinto eseritor taumáquico — recebemos um interessante livrinho intitulado *El Toro en el Campo* que o autor modestamente chama — Reportaje sobre el toro de lidia.

E' ilustrado por Alcalde Molinero. Recomendamos a todos os aficionados a leitura deste útil trabalho que nos dá a conhecer a vida do touro no campo.

Exija nas suas mobilias

Espelhos

de

A UNIÃO

R. LUZ SORIANO, 23 - A -- LISBOA

TELEFONE 2 4485

— Este ano, aí por volta de Setembro, se não houver «pane»... Até lá já tenho novilhadas contratadas.

— Léva boa impressão de Lisboa? — Sim, gostei imenso do público, e do «rejoneador». E' o melhor de todo o mundo. O seu cavalo castanho é um grande bandarilheiro!

— Tambem assim penso, no entanto por cá há contraditores.

— Isso meu amigo, é a rasão de ser da festa. As rivalidades entre os aficionados, são o mais interessante do espectáculo.

— Qual o matador da actualidade que mais lhe agrada.

— A resposta é um pouco difficil para Pascual, que só a dá depois de um minuto de ponderação. — Como artista tenho sincera admiração por todos que arriscam a vida a todo o momento, mas aquêles cuja arte mais ferem a minha sensibilidade, são Belmonte e Ortega.

— Bravo! — Procura Você adaptar-se a algum estilo. — Resposta rápida — Não! a minha maneira de tourear baseia-se na minha grande aficcion, e no grande prazer que sinto em lutar com os touros. — Nêste momento chamaram Pascual ao telefone insistindo pela sua comparencia na festa que naquela noite se realisou no Palacio Foz em homenagem a colonia espanhola, mas não queremos deixar de lhe fazer mais algumas perguntas.

— Qual o touro mais difficil que encontrou na sua carreira?

— Um pouco de reflexão — ... em Sevilla, em 1935, no «Dia de Corpus», da ganaderia de Gamero Cívico.

— ... e o mais fácil?

— Tambem em Sevilla, êste ano, no dia da Ressurreicção, da ganaderia de Clairac.

— Tem algum pormenor interessante, que mereça registo?

— Pascual, sorri. — O ano passado em 22 de Março em Valência, um touro rasgou-me o fato, e tive que terminar a corrida, envergando umas calças dum mono sábio. Foi um successo. — Pascual «saca» de uma cigareira, onde nos pareceu ver gravada uma dedicatória. Movidos pela curiosidade pedimos «permiso» para apreciar, e Pascual elucida. — Um «regalo» de Martinez Barrio actual presidente da republica de Espanha. — De facto, assim era. Martinez Barrio, o homem que actualmente desempenha o lugar de maior destaque, havia brindado o seu concidadão que em breve será a maior figura do toureiro.

Touros em Madrid

Ao contrário do que tem sucedido nas épocas anteriores, a empresa da praça de Madrid não dá este ano corridas de abono. Esta decisão foi tomada precisamente para ter mais liberdade de acção e poder dar aos cartazes a mobilidade que as circunstâncias aconselharem, de acordo com a cotação que cada toureiro vá adquirindo durante a temporada.

A falta de abono, isto é, dum compromisso prévio em dar corridas obrigadas, é favorável ao aficionado visto que cada corrida se defenderá por si própria e a empresa terá de cuidar escrupulosamente dos cartazes baseando-se nos sucessos da ocasião.

A's vezes sucede que um toureiro ao começar a temporada tem um bom cartel, mas um mês mais tarde, por não ter tido sorte, já não interessa à aficção; se houvesse abono esse toureiro teria de ser incluído numa das corridas anunciadas.

A empresa decidiu também realizar ao domingo as corridas grandes, que quer dizer, as que se chamavam de abono e as extraordinárias, em dias de trabalho, só se organizarão quando estejam verdadeiramente justificadas pelo êxito anterior dos toureiros.

Decidiu ainda a empresa de Madrid não atender a pleitos para fazer os seus contractos de touros e toureiros. Os touros já comprados pertencem a ganaderos de grande pres-

tígio como Abaserrada, Coquilla, Murube, Villagodio, Terrones, Clairac, Doña Emilia Mejias, Melgar, López Cobos, Sanchés Fabrè, Fermin Alonso, etc.

Quanto a toureiros virão a Madrid todas as grandes figuras que a aficção exige e merece ver. Por isso estão contratados para formar a base dos cartazes: Domingo Ortega, Manolo Bienvenida, Marcial Lalanda, Armillita, Victoriano de la Serna, Caganchito, Garza, Estudante, Rafaelillo, etc. As novilhadas a realizar constituem um problema difícil de resolver—no dizer dum representante da empresa—devido aos empenhos e à verdadeira crise de novilheiros. A empresa entende que se deve voltar à tática antiga de os novilheiros só tourearem em Madrid depois de consolidarem o seu cartel nas provincias. A praça de Madrid tem importancia demasiada para ser transformada em campo de experiencias por parte dos jovens aspirantes a toureiros!

Férias de Murcia e Alicante

Murcia — Dia 8 de Setembro — Touros de Pablo Romero para Armillita, Ortega e Rafaelillo.

Dia 9 — Touros de Miura para Armillita, Ortega e Amorós.

Alicante — Dia 24 de Junho — Touros de Pablo Romero para Ortega, Amorós e Rafaelillo.

Dia 29 — Touros de Domingo Ortega para Ortega, Armillita e Rafaelillo.

Vende-se

Fato de toureiro, montera, capote de cortezias e dois capotes de brega que pertenceram ao toureiro Antonio Carvalho.

Tudo em bom estado.

Rua dos Fanqueiros, III
LISBOA

Asinar «A ESTOCADA» é o dever de todo o aficionado que deseje «A FESTA BRAVA».

Visitem V. Ex.^{as} a

Loja da Boneca

onde encontrareis artigos de requintado gosto em tecidos para a próxima estação a preços excepcionais.

AVENIDA CASAL RIBEIRO, 3, 5 e 7.

Anunciar em «A Estocada» é garantir a venda dos seus artigos.

Colchões de Arame
"LINITA"

Os unicos que têm condições próprias para evitar a aderencia dos parasitas.

H. BONO

73-R. do Diario de Noticias-75

LISBOA

MOVADO

MAURY

202 R. DO OURO 204

O INVENCIVEL

WK

Todo o toureiro deve anunciar em «A Estocada» para tornar conhecido o seu nome.

Auto-Lusitania

Alfredo Duarte, L.^{da}

ACESSORIOS
PARA AUTOMOVEIS

Av. da Liberdade, 73 a 79

Telef. } 2 1311
 } 2 1312 Teleg: Autositania

LISBOA

Ideias e Opiniões

CAGANCHO e GITANILLO

por Felipe Sassone

Dois artistas maravilhosos surgiram naqueles dias. Digo dois artistas — ¡cuidado! — não dois lidadores.

Cagancho e Gitanillo de Triana. Aquele tinha a figura escultural de *Lagartijo* e de *Fuentes*; *Gitanillo*, a melancólica languidez da sua raça. Os dois, um toureiro harmonioso, lento, musical. Quando com as suas mãos morenas como talhadas em terracotta, dava *Joaquin Cagancho* o passe de peito ajudado, *el paso de la muerte*, de *Rafael el Gallo*, tãda a sua figura adquiria um *hieratismo* magestoso e estatutário; a soberania de um Faraó mais jovem e mais belo que o calvo genial.

As verónicas de Belmonte dormiram felizes no desmaiado abandono de *Currito Puya*.

Ante a belesa de um momento — já a lide de touros bravos, perdida a sua eficácia, ia reduzindo-se a um momento — punhamos a tocar os sinos do entusiasmo. *Cagancho* e *Francisco de la Vega* eram ambos, esbeltos, espigados, morenos e ciganos com olhos verdes, Pastora Imperio vestidos de *lucos*:

*«Porque a Dios le dió la gana
en sus divinos antojos
he nacido yo gitana
sin tener negros los ojos...»*

E como Pastora bailava muito bem, e não sabia bailar, eles toureavam, às vezes, muito bem... e não sabiam tourear.

O leitor terá de dar o seu justo valor a esta afirmação exagerada, no seu desejo de ser expressiva, que em nada menospresa a arte da anfora viva de Pastora e a eurtmia estatutária de êsses dois artistas imensos, mas curtos lidadores.

Aqueles ciganos, seria injusto reconhecer-lo, elevaram em certos momentos a arte de tourear a categorias de belesa de que não se podia suspeitar. Os artistas viraram-se loucos de alegria; um grande crítico de tou-

ros, um crítico literário, Gregorio Corrochano, ao fazer a resenha duma faena de *Cagancho* falou de uma talha de *Montañés*; parecia que iam evocar outra vez o quietismo estético e as doutrinas de *Miguel de Molinos*, que um dia trouxe a propósito o bom humor de *D. Ramón María del Valle-Inclán*. Mas num outro dia — funesto dia — um touro quebrou a estátua de bronze de *Gitanillo de Triana*, e *Cagancho* nunca mais tornou a subir ao pedestal.

Aqueles dois homens admiráveis, emprestaram uma grande perfeição à arte de tourear, mas causaram um dano maior ainda à ciencia do toureiro. Porque eles necessitavam o touro apropriado, o touro *pastueño*, fácil, dócil, lento, recolhido de cornea, ao qual podéssem fazer tudo o que sabiam fazer, e o publico depois quiz que os outros toureiros fizessem o mesmo a todos os touros, e os criadores, atentos ao seu negocio, firmaram-se no que já pensavam antes, em produzir essa classe de touros — jo tourito com estilo — atendendo ás preferencias do publico e a que todos os toureiros queriam ser *Cagancho e Gitanillo*... e queriam ser Belmonte, Belmonte também, porque êsse era o percursor involidável. Ninguém, porem, pensava em ser *Joselito*.

Dado curioso. É que anteviam ser incopiavel o modelo e inacessivel a aspiração?

Do livro «*Casta de Toreros*».

Recolham os vossos
automoveis na
Empreza Automobilista
Portuguesa, Limitada

Rua de Santa Marta, 201

Telefone 4 3753

PREÇOS MODICOS

A Sorte de Varas

sua beleza e necessidade

por José Barata Ribeiro

Apesar dos constantes ataques de inimigos da Festa Brava, que encontram na sorte de varas motivo para incessantes polémicas onde expandem o seu sentimentalismo piegas, êste tercio é aquele que mais entusiasmo provoca aos aficionados, não só pelo seu considerável valôr e mérito, como ainda pela sua arte, *gahardia* e *côr*.

Os quadros de verdadeira beleza e emoção, que nos proporciona o touro quando recarga sem temer o castigo e insistindo em apoderar-se do vulto, derriba e corneia no solo o corpo desprotegido do picador em caída aparatosa, um silencio de tragédia reina por tãda a praça. Centenas e centenas de corações palpitam de ansiedade. Milhares de olhos fixos no capote mágico do matador, esperam que o "quite" oportuno afaste o perigo.

E então, estala o delirio e o espectáculo toma tóros de grandiosidade.

Desde a infancia da Tauromaquia, a sorte de varas é considerada a principal do toureiro, pela influencia que exerce na preparação do touro para a morte.

Não podemos deixar de concordar inteiramente com esta teoria que eleva o tercio de varas á sorte basililar da Festa Brava.

Sofre o touro modificações durante a sorte de varas que muito contribuem para o bom resultado do ultimo "tercio" da lide. Tira-lhe poder, suavisa-lhe a acometida, iguala-o e baixa-lhe a cabeça; o «diestro» poderá entrar a matar, recto e tranquilo dobrando sobre o "piton" e dando á sorte suprema a emoção que tanto a caracteriza.

O resultado artistico e a eminencia constante da colhida quando se lidam touros em pontas sempicadores, são um exemplo bem frizante da necessidade da sorte de varas.

Deve ser combatido sem hesitação por todo o aficionado, tudo que, carecendo de "aficion", só traga prejuizos para a Festa Brava contribuindo para a sua decadencia.

Artigos para Menage — Talheres — Artigos para Brindes

HORACIO ALVES, L.^{DA}

43-RUA AUGUSTA-51

Teleg. ALZI

LISBOA

Telef. 2 6247 - 2 6248



E' ainda este "tercio" de capital importancia, para se apreciar a bravura do touro de lide.

Touro que faça uma peleja brava com os cavalos, arrancando de longe com prontidão, alegria, poder e codicia, é bravo e acredita o padrão de uma "ganaderia".

Muitas e variadas vantagens traz ainda a sorte de varas á lide de rezas bravas, mas para as podermos apreciar devidamente teriamos que entrar na tecnica, propriamente dita e não é esse o nosso objectivo nesta crónica; limitamo-nos a apreciá-la debaixo do ponto de vista de beleza estética e emotiva, focando superficialmente alguns factos que achamos dever lembrar áqueles que por vezes esquecem o papel importante que a sorte de varas desempenha nas corridas de touros.

E para os nossos inimigos vão as seguintes palavras: a Festa Brava é immortal e a sorte de varas será sempre o alicerce da Tauromaquia

Exitos, fracassos e SOBRES!

Os leitores de «A Estocada» leram certamente, no primeiro número, o interessante artigo do nosso colaborador José Telo em que relatava o grande êxito de Juanito Lago na novilhada da feira de Villanueva del Fresno, cerca de Badajoz! e o fracasso completo de Valentin Ritoré. Pois no número de 5 de Abril da revista taurina espanhola *El Karril* encontra-se uma local acêrca da mesma novilhada, em que diz precisamente o contrário do que viu e escreveu o nosso colaborador e grande aficionado de Elvas.

O melhor é traduzir:

«Lopez Lago esteve bastante afortunado e Ritoré que reaparecia pe-

rante os seus patricios, corta orelhas e rabo no seu primeiro e no outro deu volta à arena.

Foi aclamado e passeado em hombros.»

Como se verifica, ou o correspondente de *El Karril* em Villanueva del Fresno estava a dormir durante a novilhada e escreveu a local sob a influencia dalgum sonho, ou rendeu-se ao soberano poder «del sobre...»

GUIA TAURINO

Julio Procopio

Rua Dr. Antonio Granjo, 6, r/c
(a Palhavã) LISBOA



Joaquim d'Oliveira Mõça

TOUREIRO

Rua Barata Salgueiro, 12
Telefone 4 0723 — Lisboa
Representante: DIOGO RÊGO
Rua Sampaio Pina, 7, 1.º-D.
Telefones 4 4269 e 2 5263

LISBOA (Portugal)



Mario Santos

TOUREIRO

T. das Parreiras, 51, 1.º — Lisboa
Joaquin Solis (Cantillana)
TOUREIRO
R. Alves Correia, 214, 3.º-D. — Lisboa

Dia 3 de Maio — Sensacional mão a mão

ARMILLITA E ORTEGA

no **CAMPO PEQUENO** com touros de Antonio Perez Tabernero (Salamanca).

Quadrilha de Armillita

PICADORES — Miguel Atienza,
Juan Lopez (Tigre) e Pepe Diaz.

BANDARILHEIROS — Juan Espinosa (Armillita), Zenaido Espinosa, Fernando Cepeda e Alfredo Cuairan.

Tambem toma parte na corrida o distinto cavaleiro João Nuncio acompanhado dos peões S. Balfagon (Alfarero) e Agostinho Coelho.

Veem 2 picadores de reserva e 2 monos sabios e haverá touro substituto.

Quadrilha de Ortega

PICADORES — Rafael Andrade (Artillero), Angel Parra (Parrita), Luis Gomez (Page).

BANDARILHEIROS — Alfredo David, Luis Suarez (Magritas), Gregorio Caro (Valencia) e Salvador Garcia.

Moedas - Coupons - Pápeis de crédito
Nacionais e Estrangeiros
Numismatica

ALMEIDA, L.ª

CAMBISTAS

52, Rua do Ouro, 54 — Lisboa
TELEFONE N.º 2 2076

DINHEIRO!!

Empréstimos a juro módico sobre ouro, prata, joias, mobiliário, roupa, antiguidades. (Compra e vende) etc.

Boas acomodações e sigillo nas transacções

JOSÉ MAYER

Rua do Loreto, 20 Telefone: 2 2881